



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



José de Alencar
Noite de São João



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Noite de São João

José de Alencar

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1857.

Livro Digital nº 851 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

José Martiniano de Alencar

(1829 - 1877)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

NOITE DE SÃO JOÃO

ÓPERA CÔMICA EM UM ATO



O que aí vai, não sei se verdadeiramente o que é; chamei-lhe ópera cômica outros dirão que não passa de uma coleção de maus versos, sem metrificação, sem harmonia.

Não importa. Se alguns dos nossos jovens compositores entenderem que isto merece as honras do teatro, a melodia da música disfarçará a dissonância da versificação.

Se me resolvi a publicar este trabalho incorreto e feito às pressas, foi unicamente para facilitar a leitura àqueles mesmos que o quiserem aproveitar; não tive outro fim, nem tenho outra aspiração senão dar aos talentos musicais um pequeno tema para desenvolverem.

Não espero nada de semelhante publicação; pois ninguém ignora que a poesia lírica de uma ópera fica inteiramente obscurecida pela música.

Mery com o seu espírito já observou, a propósito de Rossini, que tanto pior, incorreto e antigramatical era o verso, tanto mais sublime fora a inspiração do gênio.

Na Itália o poeta de óperas, ou o fazedor de versos, é um empregado como o contrarregra, o ponto, o pintor de vistas; ele pertence ao maquinismo do teatro; com a simples diferença que exerce a sua arte sobre palavras, enquanto os outros a exercem sobre o cenário.

À vista disto, creio que não entrará na cabeça de ninguém pretender uma mínima parcela de glória escrevendo uma ópera; isto é, a mais absurda, e a mais extravagante das composições dramáticas, a que só a música com o seu mágico poder anima e dá vida.

Ao contrário, fazer uma ópera deve ser, e é, para um homem que tenha um pouco de gosto literário, um sacrifício; sacrifício de tempo, sacrifício

de ideia, sacrifício de personalidade; porque nesse gênero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se à inspiração do professor.

Entretanto, é mister que aqueles que amam a música façam esse sacrifício; outros, segundo me consta, já deram o exemplo; seja-me permitido pois apresentar também a minha pequena oferenda no templo das artes.

Agora duas palavras sobre o motivo e a ideia desta composição.

O enredo é o que há de mais simples e de mais natural naqueles tempos de boas crenças que já lá vão. É uma lenda muito conhecida sobre a noite de São João.

Em Portugal a flor sibilina era a alcachofra, tão cantada por Garrett e pelos outros poetas portugueses; mas a crença popular lá e aqui no Brasil dava a mesma virtude a outras plantas, sobretudo ao alecrim, talvez pela facilidade de transplantar-se por galho, o que fazia que a sorte agradasse a todos.

Pode ser que notem alguns muita inocência e muita ingenuidade no amor que forma a pequena ação desta ópera; mas se refletirem que a cena se passa em 1805 no Rio de Janeiro, então colônia, em época de abusões, de prejuízos, de crenças e tradições profundas, ainda não destruídas pela civilização, de certo não estranharão como defeito aquilo que só é naturalidade.

Quanto às regras artísticas deste gênero de composição, segui as que me pareceram melhores e muitas vezes a imaginação; entretanto, podem ser modificadas ao gosto do professor que escrever a música.

Sobre a metrificação, há uma questão que não está resolvida entre nós; e é que valor têm os ditongos no verso como sílabas, se formam um pé ou dois. Ordinariamente isto fica ao arbítrio do autor, que se guia pela cadência.

Eu deixo ao arbítrio do compositor; se a união ou divisão dos ditongos

soar mal em música, poderá alterar-se o verso como for melhor e mais harmônico.

O mesmo pratiquei a respeito das vogais. Lendo-se um verso, há elipses naturais que se fazem pela simples pronúncia; entretanto que cantando-se, e dividindo-se as sílabas pelas notas, pode não dar-se a subtração.

Eis o que julgo necessário dizer àqueles a quem dedico esta ópera; aos literatos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero; é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

Finalmente, tendo sido o meu desejo, escrevendo isto, somente o ver uma ópera nacional de assunto e música brasileira, cedo de bom grado todos os meus direitos de autor àquele que a puser em música o mais breve possível.

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1857.

Jose de Alencar.

PERSONAGENS:

ANDRÉ (Tabelião do Rio de Janeiro, 59 anos)

CARLOS (sobrinho de André, 19 anos)

INÊS (filha de André, 16 anos)

JOANA (velha cigana, 50 anos)

Coro de rapazes e moças e de famílias que vão à festa de São João em Botafogo. A cena é num arrabalde da cidade do Rio de Janeiro, em Botafogo, no ano de 1805.

A NOITE DE SÃO JOÃO

Uma rua campestre formada de cercas de espinheiros. No fundo aparecem chácaras. À direita a casa de André com um alpendrado na frente, e um jardinzito ao lado. À esquerda continuação da rua. No centro um tamarineiro à sombra do qual está colocado um banco tosco. Ao longe vê-se o clarão das fogueiras e dos foguetes. São 9 horas da noite.

CENA I

Famílias, moços, moças que vão à festa,

VOZES DESTACADAS

Viva São João
Santo folgazão!

CORO DE RAPAZES E MOÇAS

Ao clarão das fogueiras
Meus amigos, brinquemos!
Alegres companheiras,
São João festejemos.

CORO DE RAPAZES

Boa sorte, moça gentil,
Boa sorte lhe dê o fado;
E que se case em abril
Com quem for do seu agrado.

CORO DE MOÇAS

Boa sorte, gentil senhor,
Hoje lhe dê São João;
Que não veja maio em flor
Sem ter preso o coração.

CORO DE RAPAZES E MOÇAS

Saindo.
Ao clarão das fogueiras,
Meus amigos, brinquemos!
Alegres companheiras,
São João festejemos.

CENA II

Inês (só).

(Quando o coro vai saindo, Inês aparece no alpendre, acompanha-o algum tempo com os olhos, depois desce a escada)

INÊS

Como alegres vão
Brincar e dançar!
E eu só a rezar
A minha oração.
Desce a cena.
Meu bom São João,
Tu que estais no Céu,
Livrai-me do véu
E da profissão.
Meu pai quer-me freira;
Freira não serei;
Minha alma já dei
Em que ele não queira.
Eu te amo, meu Deus!
Da vida os momentos,
Os meus pensamentos,
Bem sabes, são teus!
Mas o coração,
Esse me fugiu,
De mim se partiu;
Já não é meu; não!
Senta-se e fica pensativa.

CENA III

Inês, Carlos.

(Carlos entra sem ser percebido, e vê Inês pensativa e com as mãos juntas)

CARLOS

Ela, reza; a oração
É todo o seu pensamento;
E mal sabe o sofrimento

Que tenho no coração.
Quer fugir-me! Não me ama,
Para sempre a vou perder!
O que me resta?... O dever.
Soldado, a pátria te chama.
(Aproxima-se de Inês e contempla-a com enlevo)
Ah! Quando de Deus o véu
Te roubar ao meu amor,
Serás, graciosa flor,
A minha estrela no céu.
(A menina ergue os olhos, e vendo Carlos assusta-se)

INÊS
Ah! meu primo!...

CARLOS
Inês!...

INÊS
Tão cedo voltou...
A festa acabou?

CARLOS
Não; mas desta vez
Não lhe acho prazer.

INÊS
Por quê?

CARLOS
Sou soldado;
Tenho outro cuidado,
Vou talvez morrer.

INÊS
Suplicante.
Carlos, se me estima,

Não me fale assim!

CARLOS

Com ironia.

No convento, prima,

Rezará por mim.

INÊS

Ah! por compaixão

Mude de tenção!

CARLOS

Não, não; eu jurei,

Soldado serei.

INÊS

Despeitada.

Eu, freira professa;

Serei abadessa.

CARLOS

Corro ao campo da vitória,

Vou a pátria defender;

O soldado que ama a glória

Deve por ela morrer.

INÊS

Corro ao claustro, a solidão

Minha alma a Deus oferecer;

Quem ama a religião

Deve a ela pertencer.

CARLOS e INÊS

Adeus, Rio de Janeiro,

Adeus, campo onde nasci,

Meu belo tamarinheiro,

Vou viver longe de ti.

Adeus, meus alegres dias,
Adeus, flores que plantei,
Águas, céus, que me sorrias,
Adeus, tudo quanto amei!

CARLOS

Adeus,
Oh! amores meus,
Que vou combater
Pelo rei, por Deus
Vencer ou morrer.

INÊS

Adeus,
Oh! amores meus,
Que vou pertencer
Ao senhor meu Deus,
Por ele viver.

CENA IV

Inês, Carlos, André.

ANDRÉ (*entra cantando*)

Que bela função!
U'a soberba ceia,
Barriga bem cheia,
Viva São João!

CORO

Ao longe.
Viva São João
Santo folgazão.

CARLOS e INÊS (*à parte*)

Oh! que comilão!
Oh! forte glutão!

ANDRÉ

Que bela função!
Tanto inhame assado,
Bolos com melado,
Viva São João!

CORO

Ao longe.
Viva São João
Santo folgazão!

CARLOS e INÊS *à parte*

Oh! que comilão
Oh! forte glutão!

ANDRÉ

Que bela função!
Tiros e foguetes,
Canjica e roletes,
Viva São João!

CORO

Ao longe.
Viva São João
Santo folgazão!

CARLOS e INÊS (*à parte*)

Oh! que comilão
Oh! forte glutão!

(Carlos e Inês chegam-se a André e querem falar-lhe ao mesmo tempo; puxam-lhe ora por um braço, ora por outro)

CARLOS

À direita.
Ah! Meu tio!

INÊS
À esquerda.
Meu pai!

CARLOS
Pretendo partir.

INÊS
Quero te pedir...
Por Deus escutai!

CARLOS
Quando amanhecer...

INÊS
Já neste momento...

CARLOS
Soldado vou ser...

INÊS
Me mande ao convento.

CARLOS
Ah! Meu tio!

INÊS
Meu pai!

CARLOS
Eu vou combater.

INÊS
Freira quero ser...
Por Deus, escutai!

ANDRÉ

Interrompendo-os

Com a breca!

Forte seca!

Pelo grande Santo André,

Meu divino padroeiro,

Entendam-se, por quem é;

Fale um de vocês primeiro.

Um me puxa daqui,

Outro puxa dali;

Um me grita de cá,

Outro escute de lá!

CARLOS INÊS

Oh! meu tio!... Meu pai!

Desejo partir...

Quero te pedir...

Por Deus, escutai! Por Deus, escutai!

Ao amanhecer...

Já neste momento...

Soldado vou ser...

Me mande ao convento.

Oh! Meu tio!... Meu pai!

Eu vou combater...

Freira quero ser,

Por Deus, escutai! Por Deus, escutai!

ANDRÉ

Arremedando.

Oh! Meu tio! Meu Pai!

Desejo partir...

Quero te pedir...

Por Deus, escutai!

Quando amanhecer...

Já neste momento...

Soldado vou ser...

Me mande ao convento.

Oh! Meu tio! Meu pai!
Eu vou combater...
Freira quero ser...
Por Deus, escutai!
Pausa.
Cada um por sua vez
Fale claro e compassado;
Vem cá, filha, minha Inês,
Fale, senhor estouvado.
A Inês.
Vem cá!
A Carlos.
Vem cá!
Ponham isto já
Em trocos miúdos.
Pausa.
Então ficam mudos?

CARLOS (*à parte*)
Oh! Ela se cala!

INÊS (*à parte*)
Oh! Ele não fala!

CARLOS (*à parte*)
Se arrependeria!

INÊS (*à parte*)
Meu Deus! Mudaria!...
Pois eu não! Não mudo.

CARLOS (*à parte*)
Eu não me arrepenho.
Dá um passo.

INÊS (*à parte*)
Ah! vai dizer tudo!

CARLOS (*à parte*)
Como estou sofrendo!

ANDRÉ
Não tujem.
Nem mugem.

INÊS (*à parte, alto*)
Vamos! Ânimo!... Meu pai,
Uma graça só vos peço;
Ao convento me mandai,
Com prazer vos obedeco.

CARLOS
Meu tio e Sr. André,
Uma graça só vos peço;
Dai-me espada e boldrié,
Sou valente; eu o mereço.

ANDRÉ
Bravo! bravo! meus meninos,
Eu vos dou minha bênção;
Seguireis vossos destinos,
Tal era minha tenção.
(*À Carlos*)
Serás Soldado.
(*À Inês*)
Terás o véu.

INÊS (*à parte*)
Oh! Malfadado!

CARLOS (*à parte*)
Ma rouba o céu!

ANDRÉ

Ai! que bela vida!
Sozinho comendo,
Boa pinga bebendo.
Livre e descansado,
Sem outro cuidado!

CARLOS

Oh! Que bela vida!
Valente soldado
Com a espada ao lado
No largo do Paço
Uma guarda faço.

INÊS

Ah! Que bela vida!
Noiva do senhor,
Cheia de puro amor,
São alegres sonhos
Meus dias risonhos.

ANDRÉ (*à parte*)

Oh! Que triste vida!
Ilusão perdida!
Sozinho comendo,
Sozinho bebendo,
Fico solitário
Qual celibatário!
Pensando,
Lembrando,
Os tempos que aqui
Com eles vivi!

CARLOS (*à parte*)

Oh! Que triste vida!
Ilusão perdida!
Mísero soldado
Com a espada ao lado,

No largo do Paço
Longas horas passo!
Pensando,
Lembrando,
Os tempos que aqui
Com ela vivi!

INÊS (*à parte*)
Ah! Que triste vida!
Ilusão perdida!
Freira do Senhor,
Viúva de amor,
São pálidos sonhos
Meus dias tristonhos!
Pensando,
Lembrando,
Os tempos que aqui
Com ele vivi!

CENA V

Joana (só).

JOANA (*entra lentamente logo que a cena fica deserta*)
É perto de meia-noite;
As estrelas já se apagam;
Os maus espíritos vagam;
E não sei onde me acoite.
Ah! quantos neste momento
Esperam sua boa sorte;
Mas o meu padecimento
Só espera pela morte.
(*Senta-se*)

CENA VI

Inês, Joana.

INÊS (*aparece no alpendre procurando*)

Pareceu-me ouvir alguém!...

Ah! Uma pobre mulher.

Coitada, nem capa tem...

Adianta-se

Boa velhinha, o que quer?

JOANA

Nada, formosa menina,

Do mundo nada desejo.

INÊS

Perdoe; mas no rosto vejo,

Que sofre, que se amofina.

JOANA

Sinto fome; sinto frio,

Não tenho um a brigo, filha;

Pedi pão, ninguém me ouviu;

Me chamam de maltrapilha.

Os ricos do seu jantar

Não me dão nem as migalhas;

Não me deixam repousar

Nem mesmo em cima das palhas.

INÊS

Coitada! Venha comigo,

Aqui terá um abrigo.

Aponta para a casa

Aquele teto não cobre

Riquezas nem abastança;

Mas o desgraçado, o pobre

Ali entra, ali descansa.

Aquela porta não guarda

Senão a nossa humildade;

Mas ao passante, que tarda,

Não nega hospitalidade.

JOANA

Acho enfim um seio amigo,
Terei aqui um abrigo.
Aponta para a casa.
Aquele teto não cobre
Riquezas nem abastança;
Mas no coração do pobre
Ali vive a esperança.
Aquela porta não guarda
Senão a santa humildade;
Mas ah!... por ela não tarda
Que não entre a felicidade.
Entram na casa.

CENA VII

André, Carlos.

(A cena fica um momento deserta. Entram Carlos que vai à janela e deita um ramo de flor; e André que sai de casa pensativo)

CARLOS

Na janela.
Venho pela última vez
Saudar meus tristes amores,
Deixar aos teus pés, Inês,
A minha alma nestas flores.

ANDRÉ

Do lado oposto.
Está me dando seu cuidado
Essa teima dos pequenos;
Um embirra em ser soldado
Outra freira, nada menos.

CARLOS

Vendo André.

Ai! o Tio!... E esta agora!

Se me pilha aqui metido,

Deita-me de casa fora;

Fico pra sempre perdido!

ANDRÉ

Pensativo sem ver Carlos.

Vou depressa aconselhar-me!

Frei João d'Amor Divino

Desta alhada há de tirar-me;

É homem de grande tino.

Muito bem,

Corro e já.

CARLOS

Assustado.

Ele vem

Para cá!

ANDRÉ (*estremece ouvindo rumor*)

Hein!... Ouvi!

CARLOS

Me sentiu!

ANDRÉ

Me iludi!

CARLOS

Não me viu!

ANDRÉ

Corro e já

Sem demora.

CARLOS

Vem pra cá

É agora.

*(Os dois adiantam-se; Carlos para fugir; André para sair; esbarram-se no meio da
cena e recuam soltando um grito)*

ANDRÉ

Tremendo.

Jesus, Maria, José

Nem me posso ter em pé!

CARLOS

Rindo.

Quá! quá! quá! O tio André

Nem se pode ter em pé.

ANDRÉ

Tremendo.

Ai!... Pelo sinal,

Da... da Santa Cruz;

Livrai-me Jesus

De... de todo o mal.

Ai!... Ave Maria

Tão cheia de graça;

Ai! Valei-me um dia,

E nesta desgraça.

Ui! meu Padre nosso

Que no céu estais...

Ah! que já não posso!...

Bendito sejais!

Ai! Salve Rainha

Nesta benta hora;

Advogada minha;

Valei-me, Senhora!

CARLOS

Rindo.
Faz pelo sinal...
Sim! da Santa Cruz;
Grita por Jesus
Que o livre do mal.
Reza Ave Maria
O velho barbaca;
Há quem não se ria
De uma tal desgraça!
Temos Padre nosso,
Bendito sejais!
Ai! que já não posso,
Não! não posso mais.
Oh! Salve Rainha!...
Dei't hoje pra fora
Toda a ladainha!...
O que falta agora?

(André e Carlos cantam as coplas acima alternadamente)

ANDRÉ *(tomando coragem)*
Se és uma alma de outro mundo
Que andas por aqui penando;
Pela cruz benta te mando
Que voltes já ao profundo.

CARLOS
Pensa.
Oh! que ideia! Vou m'escapar!
És da gula pecador...
Morrerás como um tambor...
Mas hoje podes passar.

ANDRÉ
Senhora do Livramento,
Livrai-me desta desgraça!

CARLOS

Vamos! Obedece! passa!

Isto já, neste momento!

ANDRÉ

Lá vou!

(Sai correndo)

CARLOS

Passou!

Respira.

Apre! eu mesmo inda não sei

Como desta me safei!

Olhando para o terraço.

Porém ai chaga Inês,

Vou me esconder outra vez.

(Esconda-se à direita)

CENA VIII

Inês, Joana, Carlos (à parte).

(Ouve-se rumor da festa)

JOANA

Lá festejam São João,

Também eu já festejei

Quando tinha um coração,

Quando fui moça e amei.

Ah! que tempos já lá vão!

INÊS

Eram bem lindas então

As festas que se faziam?

Os moços nessa função

As moças o que diziam?

Em casamento as pediam?

CARLOS

À parte.

Que tal! Para uma freira
Está muito perguntadeira!

JOANA

Oh! Quando chegava o dia
Logo cedo me enfeitava;
Que doce e santa alegria!
Com que prazer não brincava,
E a sorte não esperava!

CARLOS

À parte.

Ai! Como está derretida
Esta velha delambida.

INÊS

A sorte?... De que maneira?

JOANA

Inda me lembro; era assim:
Uma velha feiticeira
Da festa quase no fim
Dizia às outras e à mim:

CANÇÃO.

"Filha, à meia noite irás
Sozinha lá no jardim;
De joelhos colherás
Um raminho de alecrim.
"Plantarás mesmo ao relento;
Se o raminho florescer,
Conseguirás teu intento;
E feliz terás de ser.
"Às vezes vem um anjinho

Bafejar a linda flor;
Ele te dirá baixinho:
— Deus protege o teu amor. "

INÊS

E sucedia tal qual
A feiticeira dizia?

JOANA

Fosse bem, ou fosse mal,
Por força que sucedia.

CARLOS (*à parte*)

Oh! Meu Deus, Que inspiração!
Se eu consultasse São João?

INÊS

À parte.

Oh! Meu Deus, Que inspiração!
Me palpita o coração.

CARLOS

À meia-noite eu irei
Sozinho lá no jardim;
De joelhos colherei
Um raminho de alecrim.
Plantarei mesmo ao relento;
Se o raminho florescer,
Conseguirei meu intento,
Inês minha tem de ser.
Do céu virá um anjinho
Bafejar a linda flor;
Ele me dirá baixinho:
— Deus protege o teu amor.

INÊS

À meia noite eu irei

Sozinha lá no jardim;
De joelhos colherei.
Um raminho de alecrim.
Plantarei mesmo ao relento;
Se o raminho florescer,
Conseguirei meu intento,
De meu primo eu hei de ser.
Do céu virá um anjinho
Bafejar a linda flor;
Ele me dirá baixinho:
— Deus protege o teu amor.

CORO

Ao longe.
É já noite dada
É a hora bem fadada!

CARLOS E INÊS

É já noite dada
É a hora desejada!

(Saem furtivamente cada um do seu lado, sem se verem e entram no jardim)

CENA IX.

Joana (só).

JOANA (*ergue-se e vai sair*)
Vós, que pagais pelo pobre
A esmola da caridade,
A quem este teto cobre,
Daí, Deus, felicidade.
Vou além, breve morrer,
Longe de um olhar amigo;
Mas não quero entristecer
Da paz este doce abrigo.
(*Sai*)

CENA X
Carlos, Inês.

(Entram do jardim sem se verem, trazendo cada um deles um raminho de alecrim)

INÊS e CARLOS

Florirás? Não florirás,
Meu raminho de alecrim?
E boa sorte me darás?
O coração diz que sim.
Linda, feiticeira flor,
Flor deste meu coração!
Às falas do meu amor
Oh! não me respondas — não.
Deus te fadé, bem fadada,
Gentil e mimosa palma.
Que vicejes à alvorada,
Flor querida de minha alma.

(Sobem à cena e vão plantar o ramo de alecrim no mesmo vaso que está sobre o pilar do alpendre. Suas mãos se tocam; recuam assustados)

INÊS *(à parte)*

Ah! me Deus! O que seria!...
Que susto que me causou!

CARLOS *(à parte)*

Oh! pareceu-me que via
Um vulto que me tocou!

INÊS *(à parte)*

Sim! Eu senti... outra mão
A minha mão apertou!

CARLOS

À parte.

Não; não foi uma ilusão!

A vista não me enganou!...

Ficam pensativos.

CARLOS e INÊS (*à parte*)

Ah! já me lembro!... sim... sim!

A velha falou assim:

"Às vezes vem um anjinho

Bafejar a linda flor;

Ele te dirá baixinho:

— Deus protege o teu amor. "

INÊS

Sim! Foi o anjinho de Deus

Que meu rosto bafejou;

E que nos dedinhos seus

A minha mão apertou.

CARLOS

Sim! foi o anjinho de Deus

Que meu rosto bafejou;

Foram os dedinhos seus

Que minha mão apertou.

CARLOS e INÊS (*descem*)

Meu bom anjinho,

Vou te pedir

Que o meu raminho

Faças florir

E com a flor

Que vai se abrir,

O meu amor

Veja sorrir.

(*Chegam-se de novo ao vaso para plantar o alecrim*)

INÊS (*à parte*)

Ah! Sinto-o junto de mim!

Me cerra a mão outra vez!

CARLOS (*à parte*)

Que mãozinha de alfenim!

Ah! se fosse a mão de Inês...

INÊS (*à parte*)

Se eu lhe falasse...

CARLOS (*à parte*)

Se a abraçasse...

INÊS (*à parte*)

Se eu lhe contasse...

CARLOS (*à parte*)

Se eu a beijasse...

INÊS (*à parte*)

Talvez cumprisse

O meu desejo.

CARLOS (*à parte*)

Talvez sorrisse

Com o meu beijo.

INÊS (*à parte*)

Vou lhe falar,

Já não hesito.

CARLOS (*à parte*)

Devo-a beijar,

Lá vai! está dito!

(Aproximam os rostos, Inês que vai falar recebe na face o beijo de Carlos e fica trêmula e confusa)

INÊS

Ai! deu-me um beijo!

CARLOS

Meu Deus! Que vejo!

INÊS

Ah! Carlos!

CARLOS

Inês!

INÊS

Meu primo!

CARLOS

A olhá-la nem me animo!

(Pausa)

INÊS *(confusa)*

Vinha também ao jardim

Plantar o seu alecrim?

CARLOS *(tomando-lhe a mão)*

Sim, meu anjinho,

Vim te pedir

Que o meu raminho

Faças florir.

E com a flor

Que vai se abrir,

O meu amor

Veja sorrir.

INÊS
Não sou anjinho
Pra me pedir
Que o seu raminho
Faça florir.
Mas com a flor
Que vai se abrir,
O nosso amor
Vejo sorrir.

(Repetem o dueto: André entra, e ouvindo aproxima-se; vê os dois que se abraçam)

CENA XI

Os mesmos, André.

ANDRÉ *(chegando-se)*
Olé! Está bonita!
Ande lá! Repita!...

INÊS
Assustada.
Ah! Meu pai...

CARLOS
Assustado.
Meu tio!

INÊS *(trêmula, à parte)*
Meu Deus!

CARLOS *(confuso, à parte)*
Estou frio!

ANDRÉ
Quem viu um soldado

Assim namorado?...
Quem viu uma freira
Tão namoradeira?...

CARLOS

Ah! Meu tio!... perdão!
Dava à pátria a vida,
Mas o coração
É de Inês querida.

INÊS

Ah! meu pai!... perdão!
Sua filha querida
Deu-lhe o coração,
Deu-lhe mais que a vida.

CARLOS

Era só por ela
Que eu queria morrer;
Sem a minha estrela
Não podia viver.

INÊS

Era só por ele
Que eu queria o véu;
Se não fosse dele,
Seria só do céu.

ANDRÉ

Bem diz Frei João
Que é espertalhão:
"Menina que reza
A todo momento;
Que anda sempre lesa,
E pensa em convento;
Não sabe o que quer
A sonsa mulher?"

Quer só casamento. "
Bem diz Frei João
Que é espertalhão;
"Rapaz que só trata
De ser militar;
Que só tem bravata,
E vive a brigar;
Não sabe o que quer?
Quer achar mulher
Para se casar. "

CARLOS

Ah! meu tio!... perdão,
Era só por ela, etc.

INÊS

Ah! meu pai!... perdão,
Era só por ele, etc.

ANDRÉ

Já sei! Já ouvi!
Estão de namoro!
Oh! tudo entendi...
É um desaforo!
(Pausa: Carlos e Inês estão cabisbaixos)
Mas no fim de contas
Melhor é casar;
Cabecinhas tontas
Sempre andam no ar.

(Alegria de Carlos e Inês que abraçam André)

CENA XII

Os mesmos, famílias que voltam da festa.

CORO *(entrando)*

Lá morrem as fogueiras,
A cinza já não arde:
Alegres companheiras,
Vamos! vamos! que é tarde.
Acabou toda a festa
Adeus, meu São João!
Agora só nos resta
Das sortes o condão.

Fugiu-nos o prazer
À cidade tornamos;
Já vai amanhecer,
Meus amigos partamos!

INÊS

O meu amor
Era uma flor
Do coração
Inda em botão;
Veio São João
E a fez abrir
E a fez sorrir
E se expandir.

CORO

E sorrir,
E florir.

INÊS

Era minha alma
Qual uma palma
Da oração
Na isenção;
Veio São João
E a fez abrir,
E a fez sorrir
E se expandir.

CORO

E sorrir,
E florir.

INÊS

Meu coração
Era um botão
De linda Flor,
Porém sem cor;
Veio o amor
E o fez abrir,
Se colorir,
E se expandir.

CORO

E sorrir,
E florir.

ANDRÉ e CARLOS

E sorrir,
E florir.

CORO

Saindo.
Lá morrem as fogueiras,
A cinza já nem arde;
Alegres companheiras,
Vamos! vamos! que é tarde.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com